



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CAMPUS DO AGRESTE

NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO

CURSO DE DESIGN

DEBORA TEIXEIRA DOS ANJOS SILVA

FOTOGRAFIA POST-MORTEM:

Anotações Sobre Memória E Modos De Representação

Caruaru

2022

DEBORA TEIXEIRA DOS ANJOS SILVA

FOTOGRAFIA POST-MORTEM:

Anotações Sobre Memória E Modos De Representação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para obtenção do grau em bacharel em Design.

Área de concentração: Fotografia

Orientador(a): Daniela Nery Bracchi

Caruaru

2022

Dedico este trabalho a Carlla,
minha irmã e melhor amiga.

AGRADECIMENTOS

Sou a primeira integrante da minha família a obter uma graduação em uma universidade Federal, sei que essa conquista é fruto de um esforço mútuo, meu e das inúmeras pessoas que me auxiliaram na minha jornada até o diploma.

Agradeço a minha orientadora neste trabalho, professora Daniela Bracchi, por ser um verdadeiro exemplo de dedicação, empatia e paciência com os alunos. Durante minha jornada na Universidade Federal de Pernambuco, tive a sorte de ter a professora como uma grande conselheira e amiga, mudando para sempre, toda a minha vida profissional e pessoal.

A Universidade Federal de Pernambuco, por ter me proporcionado, através do Campus Acadêmico do Agreste, uma educação de qualidade e reconhecimento internacional.

A todo corpo docente do Núcleo de Comunicação e Design, que contribuíram para uma ampla e excelente formação acadêmica.

Ao laboratório de Fotografia da Universidade Federal, agradeço oportunidade de aprendizagem prática que me foi proporcionada.

A minha mãe, que me ensinou através de suas inúmeras conquistas, o significado de trabalho duro.

A minhas irmãs Carlla e Maria Vitoria, minhas maiores saudades durante minha jornada acadêmica.

Ao meu noivo, Thallyson Silvestre, por seu amor e companheirismo, ao encarar junto comigo as diversas dificuldades que encontramos durante nosso percurso na cidade de Caruaru.

Aos meus sogros Dorgival e Genalda, que me acolheram em sua casa e sempre me se fizeram presentes nos momentos difíceis.

Aos meus amigos e colegas de universidade, por terem sido grandes companheiros e motivos de alegria durante minha jornada acadêmica.

Gratidão a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Fotografia post-mortem: anotações sobre memória e modos de representação

Debora Teixeira dos Anjos Silva¹

RESUMO

Este artigo busca investigar, no contexto analógico e digital, os sentidos das presenças de pessoas falecidas em fotografias, a partir de metodologia bibliográfica e analítica. Nos estudos bibliográficos abordamos os usos talismânicos das fotos, as relações metafóricas entre fotografia e morte, a função memorial fotográfica e seu papel na contemporaneidade. Na análise, associamos os conceitos semióticos dos valores das imagens através do plano da expressão e conteúdo, com os de interações culturais às quais essas imagens intermediam. Expandindo a análise, assimilamos ponderações antropológicas sobre imagens, luto coletivo e sociedade. Constatou-se que imagens post-mortem possuem padrões semânticos capazes de uma vasta ampliação da ideia da pessoa morta no seio da vida social, conquistando ainda um importante lugar de luto na cultura atual.

Palavras-Chave: Fotografia post-mortem; Semiótica; Memória.

ABSTRACT

This article seeks to investigate, in the analogical and digital context, the meanings of the presence of deceased people in photographs, based on bibliographic and analytical methodology. In the bibliographic studies, we approach the talismanic uses of photos, the metaphorical relations between photography and death, the photographic memorial function and its role in contemporary times. In the analysis, we associate the semiotic concepts of the values of images through the plane of expression and content, with those of cultural interactions to which these images mediate. Expanding the analysis, we assimilate anthropological considerations about images, collective mourning and society. It was found that post-mortem images have semantic patterns capable of a vast expansion of the idea of the dead person in the heart of social life, still conquering an important place of mourning in today's culture.

Keywords: Post-mortem photography; Semiotics; Memory.

DATA DE APROVAÇÃO: 19 DE OUTUBRO DE 2022.

¹ Graduando em Design pela Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste. E-mail: deborateixeiras2@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Os retratos em minha família sempre foram vistos como objetos preciosos que deveriam ser preservados, já que somos de origem humilde e antigamente as formas de acesso às fotografias e câmeras eram difíceis. Ainda quando criança, eu passava boa parte do dia observando as fotopinturas penduradas nas paredes das salas de meus parentes, também ficava horas observando uma fotografia em um monóculo que continha o único registro que minha avó tinha do meu avô.

A admiração pela fotografia e todos os processos que a envolvem, aumentou após meu ingresso na universidade, que me permitiu estudar sobre os conceitos de criação de imagens e sobre os processos tradicionais de fotografia.

A partir de um projeto de pesquisa sobre fotopinturas brasileiras, notei que o hábito de retratar pessoas mortas fazia parte da história da fotografia. Esse costume havia se transformado com o tempo e as fotos que antes eram feitas na era vitoriana com os corpos mortos expostos são realizadas hoje de forma digital com o auxílio de softwares. Posteriormente à minha descoberta sobre as práticas de retratos post-mortem, lembrei que esse tipo de costume também fez parte de minha família, visto que meu irmão mais novo foi fotografado por minha mãe posteriormente à sua morte. Ter uma experiência tão próxima com as fotos post-mortem gerou o desejo de estudar mais sobre o tema e descobrir como a influência dessas fotografias atuam em nossa sociedade e cultura.

Através da análise semiótica das fotografias post-mortem, esse projeto busca entender os sentidos dessas fotos em nossa sociedade, visto que os estudos dessas imagens são escassos, mesmo com uma grande produção contemporânea. Além disso, a pesquisa poderá contribuir para o mercado fotográfico e de design gráfico, apresentando os padrões semióticos para construção de fotografias post-mortem digitais.

A criação de montagens com pessoas falecidas é uma prática mundial e há um intenso crescimento da procura dessas imagens com auxílio das redes sociais digitais. Todavia, não há manuais ou trabalhos que expliquem sobre a prática. As fotografias post-mortem digitais possuem aspectos importantes para a construção das imagens e da memória em nossa sociedade, de modo que tais questões merecem ser abordadas em estudos como este.

A morte é um dos únicos acontecimentos que sabemos com absoluta certeza de sua concretização na vida de todo o ser humano. Apesar disso, desde dos primórdios da humanidade até os dias atuais, a morte é temida, evitada e por diversas vezes quando a mesma acontece, aqueles que estão vivos tentam atenuá-la. A fotografia post-mortem surgiu como uma forma de

enfraquecimento da própria morte e dos seus efeitos de dor e luto. O ato de fotografar as pessoas após o falecimento faz-se presente desde a invenção da fotografia.

Com o avanço das tecnologias fotográficas e a chegada da era digital, os trabalhos de fotografia post-mortem mudaram em diversos aspectos, como em suas maneiras de criação, modos de disposição, formas de visualização, além dos outros nomes que foram criados para referenciar esses trabalhos como “homenagens memoriais” ou “homenagens póstumas”

A função memorial das fotografias foi desenvolvida com base nas reflexões de Batchen (2004) assim como nos estudos de fotografia post-mortem memoriais de Linkman (2011) e Kaplan (2008). Como a proposta deste projeto é compreender também as diferenças de construção entre as fotografias post-mortem tradicionais e digitais, além de apresentar as influências estéticas das fotografias post-mortem na cultura contemporânea, nos apoiaremos nas ponderações sobre fotografias e sociedade através de Sontag (2004) e Fontcuberta (2010).

Buscamos investigar o sentido de presença nas fotografias que figuram imagens de pessoas falecidas, entendendo suas construções metafóricas e semióticas através de análises topográficas, de coloração, transparência e iluminação. Nessa perspectiva, iremos analisar as fotografias post-mortem através dos estudos semióticos de Pietroforte (2017) e de Fontanille (2008) utilizando os elementos estéticos e plásticos das imagens, bem como as formas de disposição e compartilhamento dessas imagens em nossa sociedade.

Também analisamos os fatores antropológicos das homenagens através de altares com base nos estudos de Negrão (2019). Com base nas reflexões de Belting (2014) e Grisales (2016), analisaremos os comportamentos relacionados à memória, ao luto e suas formas de compartilhamento nas mídias sociais.

As fotografias post-mortem podem ser vistas como complexas, pois apresentam diferentes valores aos diversos públicos. A falta de compreensão dessas imagens aumentou de acordo com as novas disposições e o que antes era disponibilizado nas salas e álbuns familiares hoje é postado nas como nas redes sociais. Além disso, com o aumento das plataformas de vídeos, temos as criações de gifs e hologramas post-mortem.

Dessa forma, é possível afirmar que as práticas de fotografia post-mortem podem se expandir para além do campo fotográfico migrando para a parte de imagens animadas, vídeos e hologramas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fotografia post-mortem é um interessante gênero de imagens que alcança grande difusão no século XIX, apresentando-se como uma prática de materialização imagética de baixo custo do luto familiar. Foi um tipo de imagem amplamente utilizado com crianças e recém nascidos. Segundo Linkman (2011, p. 18): “em casos de morte de bebês, a imagem post-mortem não apenas ajudou a manter a memória viva, mas forneceu a prova de que a criança havia sido trazida ao mundo por mais breve que fosse sua vida”. A prova de existência que Linkman cita relaciona-se diretamente com as altas taxas de mortalidade infantil na era vitoriana, por isso há uma vasta quantidade de crianças mortas fotografadas.

As fotografias post-mortem do século XIX possuíam padrões estéticos que eram ligados à metáfora do sono e aos sonhos. Essas referências nas fotografias são atreladas às vestimentas dos mortos, iluminação da fotografia, e a posição em que colocavam as pessoas falecidas no momento do registro.

Figura 1: Fotografia post-mortem da criança à direita



Fonte: site BBC 2016.²

A analogia com o dormir possibilitava a construção de uma ideia de relaxamento e despertava mais tranquilidade por parte dos observadores. Com intuito de gerar mais serenidade nos registros, geralmente os mortos eram fotografados em camas ou berços e seus retratos dificilmente eram feitos em caixões.

A exposição de corpos mortos nas fotografias post-mortem foram perdendo força com o passar dos séculos. No entanto, em alguns países como a Índia, ainda existem fotógrafos post-mortem que registram corpos e rituais de passagem.

Desde da era vitoriana, as fotografias post-mortem passaram por mudanças em

² Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-36461785>>. Acesso em: 02 jun. 2021

características estéticas, plásticas e conceituais. Na era digital, temos transformações também nos significados e nas formas de utilizações individuais e coletivas que as fotografias post-mortem representam para a sociedade.

A partir das transformações do retrato post-mortem ao longo dos anos, percebe-se o apagamento da presença do corpo morto. O novo tipo de fotografia post-mortem é realizado através da manipulação de imagens digitais, com a inserção digital da imagem de uma pessoa falecida em uma outra fotografia realizada após sua morte, como no caso da figura 2.

Figura 2: Fotografia post-mortem e digital.



Fonte: Fhox 2018.³

Esses trabalhos fotográficos costumam ser tipificados como honoríficos e vistos como auxiliares na manutenção e criação de memórias. Geralmente as imagens retratam momentos comemorativos como aniversários, casamentos ou formaturas. Essas criações relacionam-se com uma das funções da fotografia, segundo Batchen (2004, p. 96, tradução nossa), e “o seu objetivo final é nada menos que a imortalidade, pois o objetivo dessas práticas é aumentar as capacidades de memória da fotografia e, assim, neutralizar o fato da morte, ou seu substituto, a ausência”.

A criação de novas memórias com pessoas ausentes aparece de outras maneiras em ações como os *Flat Daddies*, movimento no qual os familiares dos soldados norte-americanos que participaram da guerra do Iraque utilizavam réplicas em tamanho real dos combatentes para que esses estivessem “presentes” em variados momentos. A figura de papel cartão era colocada junto a todos em ocasiões como celebrações ligadas aos filhos pequenos, uma vez que estes

³ Disponível em: <<https://fhox.com.br/news/um-ensaio-de-gestante-para-celebrar-vida>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

militares estavam longe de casa por conta da guerra e não podiam participar ativamente do crescimento das crianças.

Figura 3: Flat Daddy.



Fonte: The NY Times (2006).⁴

Nos casos dos *Flats Daddies*, havia a criação de memórias através de imagens físicas e táteis, a maioria dos soldados que eram replicados nos totens estavam vivos, e podemos relacionar sua utilização ao paradoxo das imagens, segundo Belting (2014, p. 15): “o paradoxo das imagens reside no facto de elas serem ou significarem a presença de uma ausência”. A presença de uma ausência citada por Belting também é vista em outros tipos de totens, pois há criação de imagens táteis em tamanho real de pessoas falecidas, como no caso em que uma criança brasileira utilizou o totem do pai falecido em sua festa.

Figura 4: Totem com imagem de homem falecido.



Fonte: Uol Notícias (2020)⁵

⁴ Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2006/09/30/us/30daddy.html>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

⁵ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/10/20/menina-comemora-aniversario-com-foto-em-tamanho-real-do-pai-morto-em-2019.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

A figura 4 é o registro da criança junto com o totem (imagem do pai falecido) durante o aniversário. Essa fotografia pode ser considerada como um retrato post-mortem, visto que uma das características principais desse tipo de imagem é a criação de memórias através da imagem de uma pessoa falecida. O totem sozinho não se configura como foto post-mortem, mas quando colocamos a imagem de uma pessoa falecida com intuito de fazê-la “participar” do momento, ou seja, gerar uma memória, e registramos esses elementos em conjunto, podemos configurar como fotografia post-mortem.

O uso da imagem como artefato memorial faz-se presente desde a invenção da fotografia, conforme nos explica Batchen (2004, p. 96, tradução nossa): “a fotografia geralmente é sobre tornar as coisas visíveis [...] são dedicadas à evocação do invisível: relacionamentos, emoções e memórias”. Essa “evocação do invisível” é aplicada no resgate que familiares buscam através das fotografias post-mortem contemporâneas, nas quais os retratos dessas pessoas tentam incluir com afetividade a presença de forma virtual daqueles que faleceram.

Nas fotografias post-mortem do século XIX, a prova de existência e a exibição do momento de morte de uma pessoa eram fatores importantes para a captura das imagens. Já nos retratos post-mortem digitais as motivações para realização destas fotografias não estão atreladas aos realismos da situação da imagem. Ao fazer uma comparação da fotografia analógica e digital, Joan Fontcuberta (2010, p. 63) pondera: “a imagem digital já não compartilha as funções essenciais da fotografia direcionadas a autenticar a experiência”. Dessa forma, não há tentativa de “enganar” o observador através da manipulação digital fotográfica, as inserções são aparentes e os observadores percebem as mudanças estéticas implementadas na imagem da pessoa inserida.

Há uma tentativa de mostrar por meio do retrato a existência de uma pessoa já falecida. Para tanto, existem estratégias estéticas implementadas especificamente na imagem da pessoa falecida, que serão analisadas ao longo deste artigo por meio de um percurso metodológico explicado a seguir.

3 METODOLOGIA

A presença da morte entre os vivos encontra um estatuto e um lugar no seio do grupo social por intermédio da imagem. Para investigar esse fenômeno na atualidade, realizaremos uma pesquisa que se caracteriza como bibliográfica e analítica. Na primeira abordagem, dialogamos com teóricos do campo da imagem e da cultura (SONTAG, 2004; LINKMAN, 2011, FONTCUBERTA, 2010, BATCHEN, 2004, KAPLAN 2008) para compreender como as fotografias mobilizam a presença da morte na cultura visual, uma vez que esta relação tão rica entre morte e imagem não cessa de se complexificar com o aparecimento de novas técnicas no campo da fotografia digital, assim como manifestações midiáticas e criativas que envolvem a presença da imagem da pessoa morta nas interações sociais.

Além disso, as imagens atuais serão analisadas a partir do referencial da semiótica, linha teórica de investigação que se preocupa com a construção do sentido no texto visual. O fio condutor da análise serão as correspondências entre expressão e conteúdo materializadas nas imagens, conforme explicadas por Antônio Vicente Pietroforte (2017). Percebemos que a técnica fotográfica é capaz de tornar visível a presença de uma ausência por meio de estratégias estéticas. Há uma especificidade na manifestação das formas visuais do corpo que correspondem a valores sobre o pertencimento da pessoa morta na vida social.

Já o caráter cultural e de interação social dessas imagens é compreendido por meio da semiótica das práticas postulada por Jacques Fontanille (2008), na qual a imagem é percebida como participante de diversos níveis de pertinência para a análise. Desde sua aparição enquanto texto imagético, até o seu papel de forma mais ampla na cultura, a fotografia pode ser considerada enquanto objeto (com características materiais, sensíveis e interacionais específicas) e enquanto agente na vida do indivíduo (especialmente no compartilhamento de histórias e lembranças ligadas a pessoa morta). Considera-se também as cristalizações destas práticas interacionais e narrativas que a imagem participa, de modo a caracterizar certos papéis na cultura visual. É nesse sentido que convocamos autores da área da antropologia como Hans Belting (2014) e seu estudo sobre as imagens na sociedade, assim como como abordamos aspectos do luto coletivo e das formas de compartilhamento de dor diante ao falecimento de alguém por meio das pesquisas de Sandra Grisales (2016). As formas de homenagens póstumas são refletidas ainda por (Negrao, 2019), Mueller e Holthausen (2013), auxiliando-nos a entender as ressignificações que o mundo virtual proporcionou a temas como morte e luto.

4 CAPTURAR O INVISÍVEL

No século XIX, um fotógrafo chamado William H. Mumler deu início às transformações das fotografias post-mortem quando começou a alegar que conseguiu fotografar o “invisível”. Seu trabalho seria capaz de fotografar pessoas falecidas ou os “espíritos” destas. É importante mencionar o trabalho de William H. Mumler, pois mesmo que este tenha sido desmascarado sobre como conseguia captar o “invisível”, o fotógrafo fez uma relevante contribuição cultural para a sociedade através de seus trabalhos com a estética das figuras fantasmagóricas.

O pesquisador Louis Kaplan analisa que H. Mumler conseguiu trabalhar com a fotografia de espírito por conta de alguns fatores, entre eles “a ascensão do Espiritismo como um discurso de prática religiosa e crença que abriu o espaço para a fotografia de espíritos residir” (KAPLAN, 2008, p. 4, tradução nossa). Mumler fez fama nos Estados Unidos por seus retratos e, diante de tanta repercussão, conseguiu retratar a viúva de Abraham Lincoln, Mary Todd Lincoln, com a presença de uma figura semelhante ao falecido marido.

Figura 5: Foto de Mary Todd Lincoln por H. Mumler.



Fonte: The New Yorker (2017)⁶

⁶ MUMLER, William. [Sem título]. [1872]. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/photo-booth/photographer-who-claimed-to-capture-abraham-lincoln-ghost>. Acesso em: 11 ago. 2022.

Uma das principais características das fotografias de espíritos é a não visualização do corpo em si e tal prática se estende aos retratos post-mortem do século XIX. Nessas imagens, a pessoa falecida apresentava-se nas fotos como uma figura fantasmagórica. A retratação de "espíritos" em imagens não foi executada por muitos fotógrafos além de William H. Mumler. Todavia, a estética "espiritual" de seus retratos alcançaram as fotografias post-mortem contemporâneas.

A inserção de pessoas falecidas através de montagens, mesmo que sejam feitas com intuito de homenagem, é vista por parte da população como um hábito bizarro, pois as fotografias post-mortem digitais despertam uma estética que remete a espíritos ou a seres sobrenaturais. Tais montagens podem despertar do mais céticos uma certa antipatia por essas imagens.

A não exposição de corpos mortos nas fotografias post-mortem trouxe uma mudança estética presente na maioria dos trabalhos realizados hoje, que apresenta os falecidos como anjos ou espíritos do bem, muitas vezes posicionados como se estivessem protegendo os outros participantes das fotografias.

4.1 Estética da Ausência

H. Mumler influenciou a estética atual das figuras fantasmagóricas através de seus trabalhos fotográficos. Na cultura, as retratações de fantasmas ou almas “do bem” são utilizadas nas imagens por meio da pouca opacidade e linhas não tão definidas, tal como presentes nos trabalhos de H.Mumler e na maioria das fotografias post-mortem digitais.

A seguir, na figura 6, temos uma fotografia post-mortem que apresenta uma criança falecida com uma estética que remete aos trabalhos de H.Mumler. A pouca opacidade na imagem da criança tenta mostrar ao espectador que a mesma não está mais viva. Ainda sim, a imagem tenta mostrar que a criança pode estar “presente” em espírito, assim como nas fotografias de espírito de H.Mumler.

Figura 6: Fotografia post-mortem digital



Fonte: People (2015)⁷

Nas Figura 7 e 8, conseguimos notar o modo recorrente pelos quais essa estética espiritual se apresenta em nossa cultura. Isso nos leva a ponderar que tanto nas fotografias post-mortem quanto nos filmes de ficção, a figuração dos "espíritos do bem" se dá por meio de imagens realistas de pessoas atreladas à aplicação de transparência e a não demarcação das linhas. Os filmes *Ghost* (1990) e *Ghostbusters* (2021) utilizaram essas influências nos fantasmas/espíritos considerados do "bem". Já os espíritos que não eram considerados "bons" nessas obras apresentavam características estéticas diferentes.

Figura 7: Representação de espírito do bem em filme.



Fonte: GHOSTBUSTERS. Direção: Jason Reitman. Produção de Ivan Reitman. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2021. HBO Max⁸

⁷ Disponível em: <<https://people.com/celebrity/womans-wedding-photo-includes-deceased-son-via-photoshop/>>. Acesso em: 08 jun. 2022.

⁸ Disponível em: <https://play.hbomax.com/player/urn:hbo:feature:GYoRqaAX_zIZVSgEAAAEy>. Acesso em: 11 de ago. 2022

Figura 8: Representação de espírito do bem.



Fonte: GHOST. Direção: Jerry Zucker. Produção de Lisa Weinstein. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1990. YouTube⁹

Podemos considerar a figura dentro de um percurso maior de análise proposto por Jacques Fontanille (2008), que elabora graus de pertinência para o que deve ser considerado em cada um dos níveis de análise das imagens. Se observarmos, portanto, a figuratividade (nível dos signos), teremos especial atenção para elementos como as cores, os níveis de opacidade das figuras e a topologia. Tais fatores são essenciais a serem observados nas fotografias post-mortem digitais e servem como um guia para as nossas considerações estéticas sobre a figura das pessoas mortas no campo visual da fotografia.

Além do tratamento dado à opacidade da figura da pessoa falecida inserida na fotografia post-mortem digital, podemos considerar também as características de ordem topológica. Nesse sentido, os criadores das fotografias post-mortem geralmente posicionam a imagem da pessoa falecida perto das pessoas que estão vivas e há imagens com a presença de posicionamentos dos falecidos acima das pessoas vivas, como na figura 9 a seguir.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pa4fbJaAT_8>. Acesso em: 11 de ago. 2022

Figura 9: Fotografia post-mortem digital.



Fonte: Today (2016).¹⁰

A imagem da pessoa falecida posicionada acima da pessoa viva faz parte do plano da expressão e é uma propriedade do nível dos signos. Tal uso da topologia apresenta uma evocação do divino, bastante presente na história na arte, de modo que podemos constatar o uso desse tipo de organização espacial na cultura, ou seja no nível semiótico de análise da conjuntura.

Figura 10: God, the Father, Giovanni Conegliano, 1510–1517.



Fonte: Art UK¹¹

¹⁰ Disponível em: <https://www.today.com/parents/mom-pays-touching-tribute-deceased-partner-photo-shoot-t78401>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

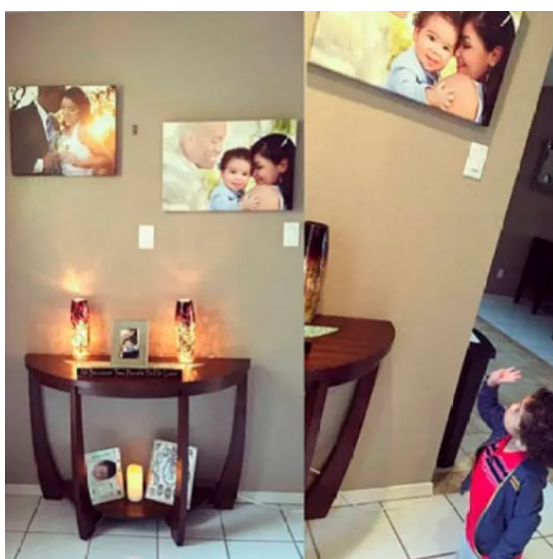
¹¹ Conegliano, Giovanni. God the Father. Art UK. Disponível em: <<https://artuk.org/discover/artworks/god-the-father-207087>>. Acesso em: 10 ago. 2022

Nas representações de seres iluminados ou entidades do bem, temos esse tipo de organização presente desde a idade média, como por exemplo na Figura 10. A presença desta topologia associa-se ao sentido cultural de “proteção divina” onde a entidade espiritual que está no céu olha para baixo como se estivesse observando e protegendo aqueles que necessitam.

4.1.1 A Presença Do Invisível

As influências das representações do divino nas fotografias post-mortem através dos elementos do nível dos signos relacionam-se diretamente com a utilização dessas montagens a nível prático. A criação de altares onde as fotografias post-mortem estão presentes ao lado de outros artefatos como flores, velas e objetos litúrgicos configuram hábitos religiosos e o uso das funções memoriais das imagens, como na figura 11 em que a imagem post-mortem é colocada em junto a uma vela e objetos decorativos.

Figura 11: Fotografia post-mortem impressa.



Fonte:Veja SP (2017).¹²

O hábito da criação de altares de homenagem é algo comum na sociedade, já o uso das fotografias post-mortem nesses altares são iniciativas mais recentes. Essas criações também são formas de compartilhamento do luto, uma vez que “os altares problematizam a separação entre a dor sentida pela pessoa diretamente afetada e o sentimento de luto coletivo, entre memória individual e memória coletiva, entre privado e público” (GRISALES, 2016, p. 94). Os altares

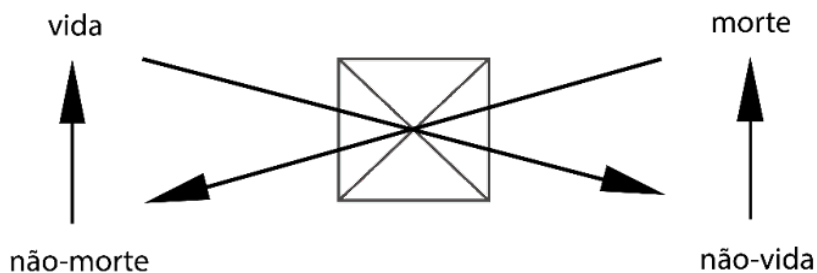
¹² Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/coluna/pop/mae-recria-ensaio-fotografico-da-familia-com-imagem-do-marido-que-morreu-sem-conhecer-o-filho/>> . Acesso em: 01. ago. 2022.

em conjunto com as fotografias post-mortem digitais se complementam na tentativa de criação de memórias e aproximação com o conceito de vida na medida em que elas se materializam na presença da família no contexto cotidiano.

As fotografias post-mortem nos casos de criação de altares, podem ser associadas ao conceito de usos talismânicos das fotos. Conforme Sontag (2004, p.15) explica, essas utilizações “exprimem uma emoção sentimental e um sentimento implicitamente mágico: são tentativas de contatar ou de pleitear outra realidade”. Os altares fotográficos assim como os talismãs possuem significados pessoais para cada usuário, tornando a fotografia post-mortem um objeto de contemplação tanto coletiva como individual.

As fotografias post-mortem digitais, tanto nos casos de apresentação em nível prático ou em nível de conjuntura, podem ter seus valores de base representados graficamente no quadrado semiótico proposto por Pietroforte (2017). Neste tipo de diagrama conceitual (figura 12), os valores são elencados logicamente a partir de relações de contradição, contraditoriedade e complementaridade.

Figura 12: Quadrado semiótico proposto por Pietroforte



Fonte: PIETROFORTE, 2017, p. 14.

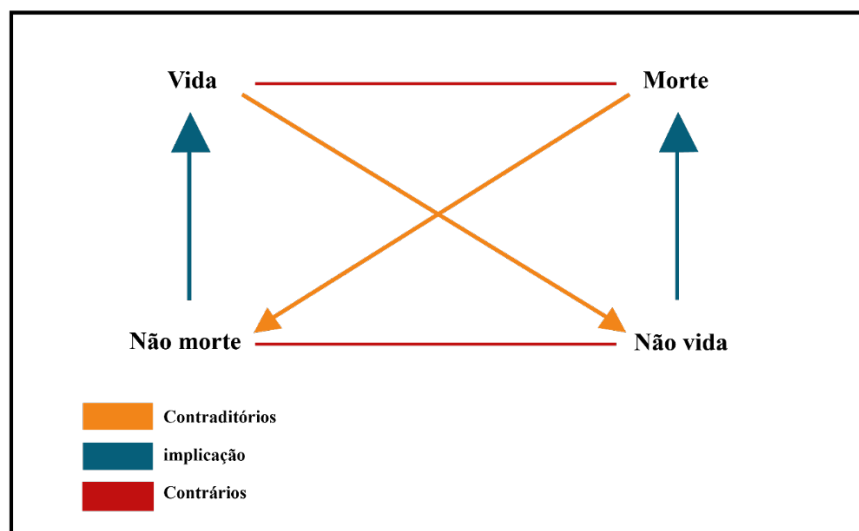
No quadrado semiótico os valores são relacionados entre si. A partir das combinações desses valores formamos relações que podem ser aplicadas nos estudos de diversos trabalhos que envolvem os significados. Quando falamos de $|vida|$ vs $|morte|$ e de $|não morte|$ vs $|não vida|$ a relação dessas combinações são de contrariedade (contrários). Já nos valores de $|vida|$ vs $|não vida|$ e de $|morte|$ vs $|não morte|$ temos a relação de contradição (contraditórios).

Para maior elucidação é possível afirmar de acordo com (Santos, 2006) que os valores

que são contraditórios são aqueles que não podem ser *verdadeiros* ou *falsos* quando estão juntos, por exemplo em (vida vs não-vida) e (morte vs não-morte). Já os valores de contrariedade (contrários) não são verdadeiros juntos, mas podem ser falsos quando relacionados.

Também temos o valor de implicação (complementaridade) quando há a relação dos valores de $|vida|$ vs $|não\ morte|$ e $|não\ vida|$ vs $|morte|$. É importante ressaltar que mesmo que os termos contraditórios e contrários sejam parecidos eles não possuem o mesmo significado. A combinação destes valores pode parecer abstrata, por isso adaptamos uma versão do quadrado utilizando Cores, dessa forma a visualização dos valores e suas possíveis combinações pode ficar mais fácil.

Figura 13: Quadrado semiótico e suas relações lógicas



Fonte: Adaptado de PIETROFORTE, 2017, p. 14.

As fotografias post-mortem digitais são artefatos complexos quando analisados de acordo com o quadrado semiótico, pois “afirmar a vida implica em negar a morte e vice-versa” (PIETROFORTE, 2017, p. 14). A criação desse tipo de montagem expressa o valor de não morte aproximando-se da vida, sendo essa uma criação semântica ligada a questões culturais e emocionais de nossa sociedade.

As imagens, a partir desta visão semiótica, relacionam-se com os argumentos de que "esses objetos transformam a lembrança em uma interação complexa em que o natural e o cultural não podem mais ser distinguidos, em que a memória é gerada como troca emocional" (BATCHEN, 2004, p. 97, tradução nossa).

A complexidade que as fotografias post-mortem digitais apresentam está no fato de que

algumas denotam os valores de não morte, como por exemplo na figura 4, onde não há elementos estéticos e topológicos que representem a morte do indivíduo presente na imagem através de uma réplica de papelão em tamanho real. Essas imagens acabam aproximando-se do valor da vida através de suas características (cor, transparência, topologia). Desse modo, as imagens transitam na materialização dos valores de vida e morte com suas marcas estéticas específicas em elementos como cores, topologia e opacidade.

4.2 A Manifestação Do Invisível

As características das fotografias post-mortem são representadas culturalmente em ensaios fotográficos, pinturas, cinema e ilustrações. Um exemplo dessa representação é o trabalho fotográfico de Duane Michals de 1960 *“The Spirit leaves the Body”* que representa uma narrativa encenada que correlaciona a figura fantasmagórica da fotografia aos conceitos de vida, memória e espírito.

Figura 14: Duane Michals “The Spirit leaves the Body”



Fonte: Met Museum ¹³

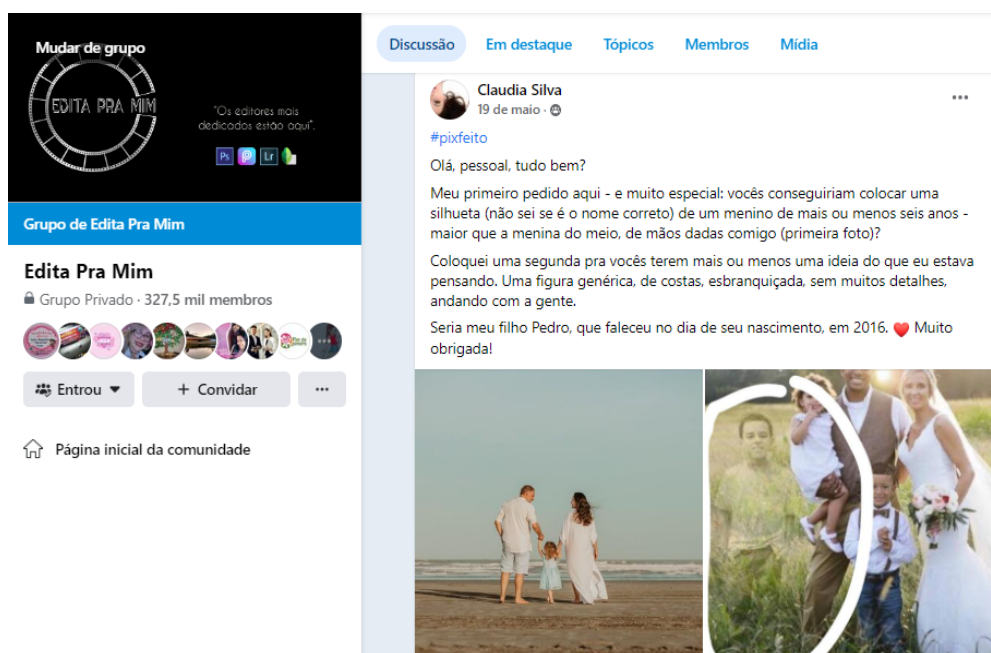
O trabalho de Duane Michals manifesta o espírito deixando um corpo e esse trabalho relaciona-se tanto com a morte quanto com o conceito de vida e de representação dos espíritos em nossa sociedade. A obra de Michals nos mostra esse tema presente no campo da arte na década de 1960, mas observamos que, ao buscar a aproximação com o valor da vida, as fotografias post-mortem também são inseridas nas mídias sociais digitais atuais (Instagram, Facebook e TikTok) onde há uma apresentação dos artefatos e divulgação das reações de

¹³ Disponível em < <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/294772>>. Acesso em: 01. ago. 2022.

contemplação dessas fotografias que alcançam milhares de visualizações ao redor do mundo.

A necessidade contemporânea de compartilhamento da vida e de seus acontecimentos através das mídias sociais digitais, compreendem também a necessidade de divisão da dor e luto com os outros usuários das redes. Essas fotografias e suas apresentações nas mídias sociais representam a necessidade atual de interação com outros usuários da internet e observamos uma expressiva difusão destas fotos, que apresentam uma nova forma de vivenciar o luto. É nesse contexto que Mueller e Holthausen (2013) nos ajudam a compreender que o mundo virtual acabou transformando-se em uma extensão do mundo real, e nesse processo de temas como a morte também migraram para o online em busca de ressignificações.

Figura 15: Postagem no grupo “Edita pra mim”



Fonte: Facebook (2022) ¹⁴

Nessas novas atribuições dos sentimentos ligados à experiência do luto e ao compartilhamento da dor nas redes sociais, existem postagens em grupos nas redes sociais em busca de apoio para produção de fotografias post-mortem. É o caso do grupo de Facebook *Edita Pra mim*, um espaço com mais de 300 mil membros que reúne pessoas que estão aprendendo a editar e pessoas que buscam algum tipo de edição ou montagem em suas fotografias.

¹⁴ Disponível em <<https://www.facebook.com/groups/editapramimm/posts/5087691491327561>>. Acesso em 03. ago.2022

Navegando nesse grupo é possível visualizar diversas postagens de pedidos de criação de fotografias Post-mortem. Observamos no exemplo da figura 15 que uma mãe pede que alguém do grupo crie uma fotografia post-mortem com seu filho que faleceu no dia de seu nascimento. Nesta postagem, conseguimos observar que a mulher não publicou uma imagem da criança que seria inserida para criação da fotografia post-mortem, há apenas a fotografia que a mesma usou de exemplo para o trabalho e uma fotografia que seria onde a criança falecida seria inserida.

Através da postagem, conseguimos observar que a fotografia post-mortem pode ser criada até com imagens que não são necessariamente da pessoa falecida. É o caso da Figura 16, na qual foi criada uma fotografia post-mortem com a “silhueta” de uma criança que não é o filho da solicitante.

Figura 16: Fotografia post-mortem



Fonte: Facebook (2022) ¹⁵

Percebemos, então, que a representação da pessoa falecida pode bastar em alguns casos para que a imagem cumpra sua função social e emocional, mesmo que a imagem não seja verdadeiramente da pessoa que morreu e que será homenageada. Além disso, a pessoa que criou a imagem post-mortem inseriu asas na representação da criança falecida, esse fator relaciona-se diretamente com a evocação ao divino, que está presente nas fotografias post-mortem tradicionais e digitais.

Quando há uma morte de artista ou uma pessoa famosa, percebemos nas mídias uma

¹⁵ Disponível em

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1449234642190523&set=p.1449234642190523&type=3>> Acesso em 01.ago. 2022

grande comoção por parte dos espectadores e fãs da pessoa falecida. O sentimento de luto coletivo passa para o digital. Em meio aos textos, músicas e vídeos, a fotografia post-mortem faz-se presente em meio às publicações e compartilhamentos de homenagem como no caso da figura 17.

Figura 17: Fotografia post-mortem Paulo Gustavo



Fonte: Instagram (2021)¹⁶

Em 2021, uma fotografia post-mortem brasileira que se destacou nas redes sociais: a do ator Paulo Gustavo, feita por Kamila Amorim e Diego Ferraz. A postagem obteve no Instagram mais de 26 mil curtidas e 1200 comentários, além de inúmeros compartilhamentos em outras redes sociais. Essas homenagens e compartilhamentos são tentativas de intensificar a aproximação do valor de vida daqueles que faleceram e, por isso, o quadrado semiótico de Pietroforte com os valores de vida e morte pode ser relacionado novamente com a cultura de compartilhamento das fotografias post-mortem.

O corpo não é eterno, mas o espírito, segundo a maioria das religiões cristãs, é visto como uma força que não perece depois da morte, o espírito “descansa”, mas não some totalmente. Tais idealizações estão presentes no uso da baixa opacidade, pois tal serve de signo de permanência do espírito. Essas ideias estão presentes nos estudos de Negrão sobre os rituais de homenagem aos mortos. O autor afirma que “é imprescindível vencer a morte várias vezes para que se chegue à vida, neste caso, considerada em termos amplos como ‘vida eterna’”

¹⁶ Disponível em < <https://www.instagram.com/p/CO9emj6F2bk/>>. Acesso em: 01. ago. 2022.

(NEGRÃO, 2019, p. 13). A fotografia post-mortem é uma tentativa de conter a própria morte e suas consequências na vida dos vivos através de símbolos e metáforas e o compartilhamento das imagens post-mortem nas mídias sociais é fruto de uma ressignificação social e cultural onde os altares tornaram-se digitais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos desenvolver um estudo sobre as imagens post-mortem utilizando uma metodologia analítica através da semiótica, correlacionando a estudos bibliográficos de obras sobre fotografia e antropologia. A relevância do trabalho é demonstrada a partir da falta de estudos sobre o tema diante a significativa demanda atual por essas obras, bem como os avanços tecnológicos que estão transformando a forma como essas imagens se apresentam na sociedade, tornando as fotografias post-mortem digitais artefatos complexos em constante evolução.

As formas de representações de indivíduos mortos através das imagens foram amplamente exploradas, permitindo a compreensão das características que estão presentes na maioria das imagens post-mortem digitais, como a presença de transparência nas figuras das pessoas falecidas, a utilização de cores nas montagens e topologias que remetem ao divino. Entendemos que as formas de apresentação dos valores de vida vs morte presentes nesses artefatos, vão para além das fotos em si, fazem-se presentes também em diversos segmentos da cultura.

Os estudos sobre as fotografias post-mortem são extremamente pertinentes, principalmente para profissionais do mercado de artes visuais. Destacamos que, no Brasil, as imagens post-mortem digitais representam um nicho de oportunidades de trabalho nas áreas de design e fotografia. Isso porque, devido ao estigma sobre a morte, que é vista com estranheza, existem poucos profissionais interessados em trabalhar em projetos sobre imagens póstumas.

A evolução contínua das fotos post-mortem estão ligadas diretamente ao avanço tecnológico de câmeras, programas de edição, redes sociais, filtros faciais e softwares. As imagens post-mortem estão sendo apresentadas também em forma de gifs e vídeos animados, onde softwares utilizam inteligência artificial criando um vídeo a partir de uma fotografia (antes inanimada) fazendo com que a mesma tenha o efeito de piscar ou sorrir. A partir dessas inovações tecnológicas, as fotografias post-mortem no futuro poderão ser apresentadas como hologramas post-mortem ou até mesmo a partir da realidade aumentada e da realidade virtual.

Diante a uma possível evolução, as imagens post-mortem podem até ser dispostas de

outras formas, todavia às características estéticas e a formas de apresentação dos valores tendem a seguir a um padrão presente na sociedade. Seguindo o raciocínio do quadrado semiótico de Pietroforte (2017) às fotografias post-mortem podem apresentar valores de contrariedade e contradição, tais valores podem estar presentes também em gifs, vídeos ou até mesmo hologramas.

Ainda que as fotografias post-mortem tenham sido criadas no século XIX, a busca do ser humano por imortalidade ainda continua, bem como as tentativas de afastamento do luto. Percebemos que as mídias sociais digitais são os maiores locais de disposição destes artefatos na contemporaneidade. As redes sociais são importantes instrumentos de socialização e compartilhamento até mesmo do luto e da perda de alguém, pois a disposição de homenagens que antes era realizada presencialmente em um altar é feita hoje de forma digital.

É nosso desejo que este trabalho contribua para pesquisas sobre fotografia post-mortem digital, podendo auxiliar até mesmo aqueles que necessitam desenvolver uma imagem que figura alguém falecido. A análise semiótica destas imagens e estudos antropológicos das mesmas ainda não foram desenvolvidos por outros autores. Esperamos que a partir desta pesquisa mais publicações com essa temática sejam realizadas, contribuindo para a reflexão sobre o campo das imagens póstumas digitais que tendem a evoluir de acordo com os avanços tecnológicos de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **A câmara clara, nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BATCHEN, Geoffrey. **Forget me not: photography and remembrance**. 1 ed. New York: Princeton Architectural Press, 2004.
- BELTING, Hans. **Antropologia da imagem**. Lisboa: KKYM +EAUM, 2014.
- FONTANILLE, Jacques. **Pratiques sémiotiques**. Paris: PUF, 2008.
- Fontcuberta, Joan. **La cámara de pandora: la fotografía después de la fotografía**. 1 ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.
- GRISALES, Sandra Patricia Arenas. **Fazer visíveis as perdas: morte, memória e cultura material**. Tempo Social: revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 96, Abr. 2016. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/ts/issue/view/8134/600>>. Acesso em 07 de set. 2022.
- KAPLAN, Louis. **The strange case of william mumler spirit photographer**. Minneapolis, 2008.
- LINKMAN, Audrey. **Photography and death**. London: Reaktion Books, 2011.
- MUELLER, Leticia, HOLTHAUSEN, Jheison. **Memorial facebook. Meu epitáfio é minha página. Como a mudança espaço temporal transforma as relações comunicacionais**. In: XXXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 36, 2013, Manaus, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0658-1.pdf>>. Acesso em: 07 de set. 2022.
- NEGRÃO, Marcus Vinicius Nascimento. **Iluminando os mortos: um estudo sobre o ritual de homenagem aos mortos no dia de finados em Salinópolis - Pará**. Ponto Urbe: revista do núcleo de antropologia urbana da USP, São Paulo, n. 24, p. 12-13, Jun. 2019. Disponível em <<https://journals.openedition.org/pontourbe/5956>>. Acesso em 07 de set. 2022.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Semiótica visual: os percursos do olhar**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- SANTOS, Carolina. **O corpo, a morte, a imagem: a invenção de uma presença nas fotografias memoriais e post-mortem**. 2015. Tese (Doutorado em artes) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/EBAC-A47KWU>>. Acesso em: 20 set. 2022.
- SANTOS, Maria Leonor Maia. **Um problema na distinção entre sentenças contrárias e contraditórias**. VI Congresso Internacional da Abralín - João Pessoa, 2009. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Maria%20Leonor%20Maia%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em 20 de set. 2022.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DEBORA TEIXEIRA DOS ANJOS SILVA

FOTOGRAFIA POST-MORTEM:

Anotações Sobre Memória E Modos De Representação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do curso de Design do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para obtenção do grau em bacharel em Design.

Aprovado em: 19/10/2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra . Daniela Nery Bracchi (orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Amanda Mansur C. Nogueira
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Me. Mônica Ester da Silva
Examinador Externo